

OMNIA SAÚDE

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)
www.fai.com.br

CAMPOS, Juliane Ispier. Caracterização do trabalho na indústria de confecção: processo de trabalho e o desgaste da saúde. *Omnia Saúde*, v.12, n.2, p.54-68, 2015.

ISSN versão Online 2236-188X
ISSN versão Impressa 1806-6763

Recebido em: 30/09/2015
Revisado em: 10/12/2015
Aceito em: 12/12/2015

CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO: PROCESSO DE TRABALHO E O DESGASTE DA SAÚDE

WORK CHARACTERISTICS IN CLOTHING INDUSTRY: WORK PROCESS AND HEALTH WEAR

Juliane Ispers Campos

Especialista em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (ENSP/FIOCRUZ)

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo caracterizar o modo como o trabalho na indústria de confecções determina agravos ao quadro geral de saúde dos trabalhadores. Trata-se de um estudo que empregou a revisão narrativa como método de pesquisa. Os textos utilizados para caracterizar o trabalho na indústria de confecções foram encontrados nas bases de dados indexadas Scielo e BVS-Psi. Estas informações foram analisadas a partir das categorias analíticas definidas pela psicodinâmica do trabalho: organização do trabalho, condições de trabalho e insatisfação. Os resultados indicam que a rígida organização do trabalho proporciona a intensificação do trabalho, ocasionando lesões osteomusculares e manifestações de sofrimento psíquico. As condições de trabalho representam riscos à saúde, em virtude da exposição ao ruído, temperaturas elevadas e exigências ergonômicas inadequadas. A insatisfação envolve as ameaças constante de demissão, a caráter restrito das pausas no trabalho, o valor reduzido recebido por peças e o trabalho domiciliar. Conclui-se, apontando que a observação das publicações que abordam o trabalho nas indústrias de confecção, deixa claro o modo como a atividade laboral determina prejuízos ao quadro geral de saúde. A recente disponibilização de informações pelo Ministério da Previdência Social sobre acidentes do trabalho e doenças, nos distintos grupos de atividades econômicas, delimita o padrão de morbidade desta população trabalhadora.

Palavras-chave: Indústria de Confecções; Costureiras; Saúde do Trabalhador; Psicodinâmica do trabalho.

ABSTRACT

This study aimed to characterize how the work in the garment industry determines grievances to the general health of workers. In this study, a narrative review as a research method has been used. The texts employed to characterize the work in the garment industry were found in indexed databases of SciELO and VHL - Psi. These data were analyzed according to analytic categories defined by the psychodynamics of work as: work organization, working conditions and dissatisfaction. The results show that the rigid organization provides work intensification, causing injuries musculoskeletal and psychological distress. Working conditions represent

health risk due to exposure to noise, high temperatures and inadequate ergonomic requirements. Dissatisfaction involves the constant dismissal threats, the restricted nature of work breaks, the reduced payment received by pieces and household work. We conclude by pointing out that the observation of publications that discuss the work in the garment industry makes clear how work activities determine damage to the general health. The recent information given by the Ministry of Social Security about work accidents and illness in the different groups of economic activities delimits the morbidity standard of this working population.

Key-Words: Garment industry; Dressmakers; Worker Health; Psychodynamics of work.

INTRODUÇÃO

O Brasil bem como os demais países “em desenvolvimento”, apresenta semelhanças com os problemas do início da Revolução Industrial (ocorrida há aproximadamente 250 anos) com as precárias condições de trabalho e jornada laboral extensa. Esta questão passou a ser mais discutida, principalmente depois do advento das mudanças ocorridas na Constituição de 1988, na qual foi contemplada uma atenção maior ao capítulo da saúde e, especialmente, a saúde do trabalhador. A partir daí vários foram os momentos de avanços e retrocessos legais referentes à saúde do trabalhador e à melhora das condições de trabalho (LUCCA e FÁVERO, 1994).

A abordagem da saúde do trabalhador nas políticas públicas, em muito foi incitada em razão dos impactos à saúde ocasionados pelos modelos taylorista e fordistas de produção. Os modos de organização do trabalho, desenhadas por Taylor e Ford separaram a concepção do trabalho de sua execução, além de ampliar o controle do tempo e da sociabilidade. Dejours (1994) em sua análise sobre a organização do trabalho do tipo Taylorista, indica que: “A organização do trabalho, concebida por um serviço especializado da empresa, estranho aos trabalhadores, choca-se frontalmente com a vida mental e, mais precisamente, com as esferas das aspirações, das motivações e dos desejos” (DEJOURS, ABDOUCHELI e JAYET, 1994, p.51). Ainda, identificou que uma organização laboral rígida tem consequência negativa para o psiquismo, pois este tipo de organização impede o livre funcionamento mental e acrescenta:

“O trabalho torna-se perigoso para o aparelho psíquico quando ele se opõe a sua livre atividade. O bem estar, em matéria de carga psíquica, não advém só da ausência de funcionamento, mas, pelo contrário, de um livre funcionamento, articulando dialeticamente com o conteúdo da tarefa, expresso por sua vez, na própria tarefa e revigorado por ela. Em termos econômicos, o prazer do trabalhador resulta da descarga de energia psíquica que a tarefa autoriza [...]” (DEJOURS, ABDOUCHELI e JAYET, 1994, p.24).

Na linha de produção fordista, as tarefas divididas e o domínio dos operários pela velocidade da esteira de produção, ocasiona maior eficiência do trabalho, mas determina maior desgaste ao trabalhador. Antunes (2002) caracteriza a produção fordista do seguinte modo:

“entendemos o fordismo fundamentalmente como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram-se ao longo deste século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista e da produção em série fordista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário-massa, do trabalhador

coletivo fabril, entre outras dimensões” (ANTUNES, 2002, p.25).

Em suas pesquisas sobre saúde mental e trabalho Dejours (1992) destaca que a organização do trabalho de orientação taylorista ou fordista pode acarretar consequências desastrosas no psiquismo humano, pois explora diversos níveis ansiogênicos. Entre eles destacam-se a percepção gradual da degradação da saúde ao longo da carreira profissional; a percepção dos riscos iminentes a vida e a exploração da pobreza com a oferta de baixos salários que o autor denomina “exploração da disciplina da fome”.

É relevante destacar que não apenas o taylorismo e o fordismo são modelos produtivos vigentes no Brasil e com seus efeitos deletérios sobre a saúde do trabalhador. A partir da década de 1980 o “taylorismo e o fordismo já não são os únicos e mesclam-se com outros processos produtivos” (ANTUNES, 2002 p.24). Estes novos processos produtivos são influenciados pelo modelo japonês de produção e envolvem um:

“grande salto tecnológico, a automação, a robótica e a microeletrônica invadiram o universo fabril, inserindo-se e desenvolvendo-se nas relações de trabalho e de produção do capital. Vive-se, no mundo da produção um conjunto de experimentos mais ou menos presentes, mais ou menos tendenciais, mais ou menos embrionários” (ANTUNES, 2002 p.24).

O Toyotismo é uma alternativa que o capital encontrou frente à crise dos modelos fordista e taylorista, mas com o mesmo propósito: acumulação do capital. Foi destacado como uma alternativa para tornar o trabalho mais significativo, especialmente por demandar do trabalhador a resolução de entraves relativos ao processo produtivo e o desenvolvimento dos produtos. Mas como destaca Alves (2005a):

“Na verdade, o corpo não se emancipa da disciplina do capital, mas constitui-se uma nova relação psicocorporal, que busca preservar um componente essencial das sociedades do capital, sejam elas modernas ou pós-modernas: um corpo útil, produtivo e submisso” (ALVES, 2005a p. 422).

Dal Rosso (2008), observou que embora tivesse ocorrido uma diminuição da jornada, houve a intensificação do labor. Para o autor, “o trabalho tem proporcionado novas demandas, sejam elas cognitivas, relacionais, comunicacionais ou afetivas. É o que se pode chamar de mobilização total” (DAL ROSSO, 2008).

Dejours (2004) atribui boa parte do sofrimento dos trabalhadores nos modelos toyotistas a dois novos elementos: as avaliações individuais de desempenho, e os certificados de qualidade total. Tais princípios de organização do trabalho em geral apresentam um rol extenso de consequências negativas,

“de um lado, o crescimento extraordinário da produtividade e da riqueza, mas, de outro, a erosão do lugar acordado à subjetividade e à vida no trabalho. Disto resulta um agravamento das patologias mentais decorrentes do trabalho em crescimento em todo o mundo ocidental, o surgimento de novas patologias em particular os suicídios nos próprios locais de trabalho – o que não acontecia jamais antes da virada neoliberal – e o desenvolvimento da violência no trabalho, a agravação das patologias da sobrecarga, a explosão da patologia do assédio” (DEJOURS, 2004, p.28).

As mudanças em curso na produção industrial brasileira preserva aspectos taylorista/fordista que se combinam com proposições toyotistas. Esse fenômeno pode ser denominado

reestruturação produtiva, e conforme destaca Antunes (2003) se caracteriza como uma mudança, sóciotécnica da produção. Por trás desta proposta verifica-se a ideia de buscar maior eficiência, via intensificação da atividade produtiva. Desta forma se acumulam efeitos deletérios que culminam com a precarização das relações de trabalho.

Em diversas cadeias produtivas os efeitos da reestruturação produtiva se materializam. Como exemplo, toma-se a terceirização que levou ao enxugamento do quadro de pessoal de muitas empresas. No Brasil, como em outros países, a redução da jornada de trabalho e a imposição por não assinar a carteira de trabalho dos empregados foi outra faceta de precarização que tomou vulto. Os trabalhadores sem carteira assinada, na maioria das vezes, deixam de pagar sua contribuição previdenciária. Então, a precarização torna-se mais acentuada, porque, além de não contar com qualquer segurança trabalhista, o empregado deixa de usufruir os direitos sociais que a legislação assegura aos contribuintes previdenciários.

Reestruturação produtiva no Brasil e a indústria de confecção

Araújo e Amorim (2002) apontam a terceirização como redes de subcontratação na indústria de confecção de roupas. Os autores chamam a atenção para dois efeitos da terceirização no Brasil. O primeiro consiste em um instrumento de melhoria da qualidade, da produtividade e da competitividade, na medida em que inovações tecnológicas e organizacionais são transferidas para as empresas subcontratadas e se difundem ao longo da cadeia produtiva. O segundo efeito atinge diretamente o trabalhador, por apresentar como objetivo central a redução de custos e, portanto o que se transfere as subcontratadas são os gastos, os riscos da produção e a responsabilidade jurídica sobre a mão-de-obra.

Este segundo efeito tem se generalizado nos países com consequências danosas para os trabalhadores nelas envolvidos. Tal fato tem imposto aos trabalhadores relações de emprego instáveis, redução de direitos e condições de trabalho degradadas e intensificadas. Além disto, a subcontratação tem levado uma parcela dos/as trabalhadores/as para a economia informal excluindo-os da representação sindical e dos benefícios assegurados por lei (ARAÚJO e AMORIM, 2002).

A flexibilização da produção e a terceirização dos riscos é um fenômeno que ocorre nas indústrias de confecção. Matos (2008) destaca que as contratantes de mão de obra tem alocado unidades chamadas “fábrica de costura”. Com isto as empresas reagem de modo mais eficiente a sazonalidade da demanda e a concorrência estrangeira e livram-se dos encargos trabalhistas. A desigualdade entre os sexos também é mantida nas atividades terceirizadas de produção. De acordo com Araújo e Amorim (2002):

“As mulheres são encontradas em maior número principalmente nas empresas subcontratadas das pontas inferiores da cadeia produtiva, nas quais predominam o trabalho taylorizado, as piores condições de trabalho e vínculos empregatícios precários. Mas o grande estímulo à subcontratação das tarefas nas quais predomina a mão de obra feminina vem também do fato de que as empresas podem se beneficiar dos salários mais baixos que são pagos as trabalhadoras nas pequenas e micro empresas e no trabalho a domicílio” (ARAÚJO e AMORIM, 2001, p.275-276).

Esta modalidade de contratação vem se constituindo como os novos (ou renovados, como no caso do trabalho a domicílio), espaços de confinamento de mão-de-obra feminina e contribui para que a incorporação das mulheres ocorra em condições de trabalho precárias e inseguras,

baixos salários, intensificação da carga de trabalho e perda dos direitos legais. Em virtude disto, para as mulheres trabalhadoras as novas formas de exclusão se sobrepõem aos antigos mecanismos de exclusão de gênero, potencializando-os.

Os ambientes ruidosos e quentes são frequentes neste tipo de arranjo produtivo. Santo, Paula e Pereira (2009) destacam que na etiologia de hipertensão arterial encontram-se, além da herança genética, o estresse, o calor e as exigências posturais como fatores que causam desgaste. Para Pimentel (2010), os problemas de saúde comumente ocasionados são as disfunções musculoesqueléticas, os problemas na coluna vertebral, varizes e hipertensão.

Barreto (2000) discorre que no setor têxtil a hipertensão atinge 12,9% dos trabalhadores e se origina na associação de múltiplos fatores organizacionais. A asma ocupacional atinge as trabalhadoras da indústria de confecção e vestuário (ILDEFONSO, BARBOSA-BRANCO e ALBUQUERQUE-OLIVEIRA, 2009), em razão de aspiração de material particulado suspenso no ambiente produtivo. Este material particulado pode ser de origem vegetal ou sintética.

A divisão do trabalho tem características tayloristas, ou seja, a remuneração decorre da produção efetuada, as tarefas são divididas de modo a simplificá-las, a tal ponto, que se tornam monótonas e repetitivas, há presença constante de fiscais de produção e conseqüentemente não há autonomia para o estabelecimento de relações nos espaços de sociabilidade. Por isso há uma carga psíquica negativa, pois,

“no trabalho por peças não há quase espaço para a atividade fantasmática; em todo caso, as aptidões fantasmáticas não são utilizadas e a via de descarga psíquica está fechada; a energia psíquica se acumula, tornando-se fonte de tensão e desprazer, a carga psíquica cresce até que aparece a fadiga, a astenia, e a partir daí a patologia: é o trabalho fatigante” (DEJOURS, 1994, p. 25).

Maciel, Fernandes e Medeiros (2006) enfatizam que os distúrbios osteomusculares vêm crescendo de forma preocupante e são considerados os seguintes fatores de risco: procedimentos rígidos de trabalho com pouca autonomia no desenvolvimento da tarefa, posturas rígidas, ritmos acelerados de trabalho, muitas vezes impostos pela máquina, exigindo esforços exagerados, tensão entre as chefias e os subordinados, pressão para manter a produtividade e excesso de trabalho e horas extras.

Geralmente os móveis utilizados são inadequados, em especial as cadeiras são de madeira e, portanto não estão de acordo com a NR 17, ou seja, não oferecem os requisitos mínimos de conforto. Podendo favorecer o aumento de pressões sobre os tecidos e estruturas ósseas, levando a um desconforto postural (MORAES, ALEXANDRE e GUIRARDELLO. 2002).

Dado o contexto crítico enfrentado por estas trabalhadoras, este estudo espera contribuir para a compreensão dos processos de trabalho e os impactos sobre a saúde da população trabalhadora.

OBJETIVO

Caracterizar o modo como o trabalho na indústria de confecções determina agravos ao quadro geral de saúde dos trabalhadores.

METODOLOGIA

O trabalho apresentado empregou a revisão narrativa como método de pesquisa. Os textos usados para esta revisão bibliográfica foram encontrados nas bases de dados indexados Scielo e BVS-Psi e Google Scholar. Estes textos apresentavam informações sobre o processo de trabalho na indústria de confecções.

A pesquisa bibliográfica possibilita que o pesquisador constitua uma impressão sobre o assunto investigado. No caso desta presente pesquisa foi abordado o trabalho na indústria de confecções e os possíveis agravos ao quadro geral de saúde dos trabalhadores.

Estas informações foram analisadas a partir das categorias analíticas definidas pela psicodinâmica do trabalho (DEJOURS, 1992), a saber: organização do trabalho, condições de trabalho e insatisfação.

A organização do trabalho envolve a sua divisão e o conteúdo da tarefa, estruturas hierárquicas e de comando (DEJOURS, 1998). As condições de trabalho englobam o ambiente físico, agentes químicos e biológicos, a higiene e a segurança no ambiente de trabalho (DEJOURS, 1992). Já a insatisfação decorre da impossibilidade de vivenciar satisfações concretas e simbólicas. Assim, foi possível dimensionar como o processo de trabalho pode determinar agravos à saúde de trabalhadores da indústria de confecção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela apresentada abaixo se encontra a síntese das informações compiladas por pesquisas realizadas em diversos contextos produtivos (ARAÚJO e AMORIM, 2002; AMBROSI e QUEIROZ, 2004; GARCIA JÚNIOR, 2006; MACIEL, FERNANDES e MEDEIROS, 2006; PRADO, 2006; NEVES e PEDROSA, 2007; SENA, FERNANDES e FARIA, 2008; ESPIRITO SANTO, PAULA e PEREIRA, 2009; TEIXEIRA, PAIVA e NUNES, 2009; PIMENTEL, 2010). Para um maior detalhamento da discussão, a tabela foi segmentada conforme os arranjos produtivos descritos acima:

Os contextos de trabalho encontrados nos diversos artigos analisados envolvem arranjos produtivos de orientação taylorista, toyotista restrita e até mesmo trabalho domiciliar realizado por trabalhadores terceirizados. A orientação taylorista da produção envolve o pagamento por produtividade, fiscalização direta, parcialização do trabalho e reduzido conteúdo significativo da tarefa, tal como observado por Fonseca (2000) na indústria de confecções do sul do Brasil.

O toyotismo restrito envolve a adoção de aspectos do toyotismo, tal como, as células de produção e o envolvimento subjetivo dos trabalhadores (ALVES, 2005b) em organização originariamente tayloristas ou fordistas.

Considerando que estes modelos organizacionais guardam elementos em comum, segue a discussão das categorias analíticas propostas pela Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS, 1992) independentemente do modelo organizacional.

Tabela 1: Síntese dos contextos produtivos

Organização do Trabalho	Condições do Trabalho	Insatisfação
Divisão Taylorista do Trabalho na Indústria de Confecções		
Trabalho repetitivo Intenso (adicional de produtividade alcança 36% do salário) Horas extras Pausas restritas Exigência postural Mão de obra formada por familiares	Partículas de tecido dispersos no ambiente; Mobiliário inadequado; Exposição de fiação elétrica Movimentação de cargas Ruído Atendimento a metas Acidentes com máquinas	Pausas restritas em número e extensão Queixas dominante de dor e adormecimento, Temor de ficar incapacitado permanente Prejuízo a audição Dores de cabeça Dores na coluna Sensação de esgotamento físico e cognitivo Limitações para se ausentar do posto de trabalho Iluminação deficiente Prejuízo ao reconhecimento no trabalho Prejuízos a identidade
Divisão Toyotista Restrita do Trabalho na Indústria de Confecções		
Tempo de produção cronometrado Política de transferência de responsabilidades às trabalhadoras. Processo produtivo em células de trabalho Carrinhos que controlavam o fluxo da produção Metas que devem ser cumpridas Avaliação diária da produtividade por sistema de pontuação Trabalho terceirizado, domiciliar e informal Remuneração intermitente Ausência de garantias trabalhistas	Redução do número de funcionários Pressão pelo cumprimento das metas Diversificação dos riscos ocupacionais na célula de trabalho Domiciliação do risco	Ameaça constante de demissão Baixos valores pagos por peça Ritmo de trabalho intenso Jornada de trabalho nos finais de semana e feriados Compartilhar espaço familiar com as caixas, peças para costura e máquinas A jornada de trabalho que se estende até os limites físicos Descontinuidade de inserção no mercado de trabalho

A Organização do Trabalho

O trabalho repetitivo produz impactos à saúde dos trabalhadores em razão de sua potencialidade de produzir distúrbios osteomusculares. Esse risco é aumentado quando a intensidade é elevado por dispositivos organizacionais. Garcia Junior (2006) destaca que estes trabalhadores podem contar com adicionais de produtividade que chegam a 1/3 do salário. Verifica-se que este dispositivo pode elevar ainda mais a intensidade quando está combinado com horas extras. Sena, Fernandes e Faria (2008, p.06) indica que as horas extras chegam a exceder em 4 horas a jornada.

As pausas restritas ampliam ainda mais a intensidade do trabalho. Maciel, Fernandes e Medeiros (2006, p.97) indicam em sua pesquisa que “75,3% dos entrevistados não faziam pausas” no trabalho. As pausas representam uma possibilidade de interromper ciclos de exigências posturais e possibilidade ao descanso. A limitação deste recurso apenas a alimentação (ESPIRITO SANTO, PAULA E PEREIRA, 2009), relaciona-se diretamente com o desgaste no trabalho.

A contratação de familiares das trabalhadoras é outro dispositivo organizacional de dominação, pois, caso questionamentos sobre a intensidade do trabalho venham a surgir, a ameaça de demissão atingiria vários membros da família. Deve-se ressaltar que os dispositivos de dominação também atingem a subjetividade do trabalhador e, como indica Fonseca (2000):

“A tentativa por parte das trabalhadoras de se verem livres das pilhas a seu redor como forma de se aliviarem da prolongada permanência das pressões produtivas, pressões estas que se articulam também ao modo como são apreciadas, positivamente ou não, pelas chefias, permite importantes resultados ao capital, que se torna, assim, capaz, não só de retirar proveitos dessa espécie de psicopatologização do trabalho, como se constitui em seu principal produtor” (FONSECA, 2000 p.43).

Mesmos nos arranjos organizacionais do toyotismo restrito (ALVES, 2005b) algumas presenças taylorista ainda se apresentam, tal como, o controle dos tempos e métodos de trabalho (ARAÚJO e AMORIM, 2002). Navarro (2006) descreve essa combinação de arranjos organizacionais também na indústria calçadista de Franca (SP). Mas estes se combinam com captura da subjetividade das trabalhadoras na resolução de problemas organizacionais (*kaizen*) e na responsabilização por problemas ligados a qualidade da produção (*kanban*).

A implantação de células de produção determina a avaliação constante da qualidade e da “produtividade individual e coletiva” (Araújo e Amorim, 2002). Navarro (2006) descreve que a este dispositivo toyotista também foi adotado na indústria calçadista, dependendo da característica do produto produzido:

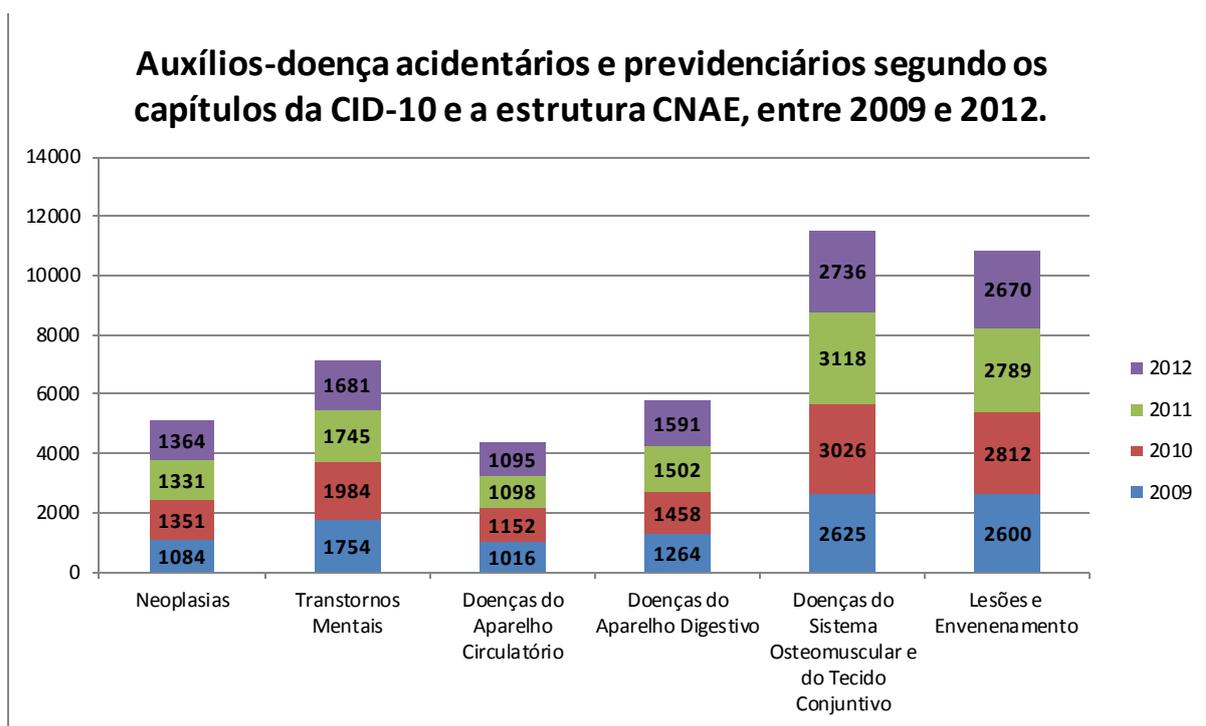
“as células de produção, por exemplo, vão ser utilizadas apenas por aquelas empresas cuja produção é diversificada, pois, para aqueles que recebem encomendas de grandes lotes, constituídos de poucos modelos, a produção no antigo sistema de esteira é ainda mais adequada” (NAVARRO, 2006 p.227).

Enfatiza-se que nas células de trabalho a remuneração é pautada nos esforços individuais e coletivos. Assim os próprios trabalhadores passam a exigir o trabalho intenso de sua célula, em virtude de possíveis restrições que podem atingir seu salário. Nas células de produção, as relações interpessoais ficam então prejudicadas pelo controle que cada trabalhador exerce sobre o outro, e por isto, os mecanismos defensivos coletivos (DEJOURS, 1992) estarão bloqueados. Estarão então lançadas as bases para a “retração da consciência intersubjetiva” (DEJOURS, 2001) e o apoio mútuo será desefetivado.

A efetividade do arranjo toyotista restrito (ALVES, 2005b) possibilita turno único de trabalho mas há pausa apenas de 60 minutos para o almoço (PRADO, 2006, p.58). O trabalho terceirizado é domiciliar e informal (PIMENTEL, 2010) e envolve atividades de costura e acabamento e são denominadas “fácções de costura” (NEVES e PEDROSA, 2007 p.23). Esta ordenação ilustra a “desregulamentação do trabalho”, conforme destaca Antunes (2006) e alimenta ainda mais o temor do desemprego e do trabalho informal.

As Condições de Trabalho

Os riscos presentes no ambiente das indústrias de confecções envolve exigências ergonômicas, acidentes com máquinas, elevadas exigências cognitivas e afetivas, calor, ruído e poeiras (ESPÍRITO SANTO, PAULA e FARIA, 2009). A seguir apresenta-se dados do Ministério da Previdência Social (BRASIL, 2014) que ilustram o perfil de morbidade de trabalhadoras da indústria de confecções:



Para estas trabalhadoras, a relevância das doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (PIMENTEL, 2010) é tamanha, que o número de auxílios previdenciários supera até mesmo as lesões, envenenamentos e outras causas externas de violência. Entre as lesões há o risco de descarga elétrica em razão da fiação elétrica exposta entre as máquinas de costura (SENA, FERNANDES e FARIA, 2008).

Estes dados corroboram as indicações de pesquisas que empregam metodologias qualitativas, onde enfatiza-se a remuneração por produtividade, a repetição de movimentos e distintos riscos ergonômicos (GARCIA JUNIOR, 2006; SENA, FERNANDES e FARIA, 2008) como determinantes do agravo a saúde dos trabalhadores da indústria de confecções. Maciel, Fernandes e Medeiros, (2006) destacam que após seis meses de trabalho, 77,9% dos indivíduos entrevistados referiram dor em mais de uma região corporal. Conforme dados do autor, a realização de horas extras eleva os fenômenos algícos de 67,4% das trabalhadoras e 85,7% delas relataram já terem faltado ao emprego por conta da sintomatologia dolorosa.

As indicações bibliográficas sobre o impacto do trabalho taylorista e fordista sobre a saúde mental, são evidenciadas pelo grande número de benefícios previdenciários da categoria transtornos mentais e comportamentais. Vale salientar, que esta categoria da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) costuma ter seus valores incrementados quando o conjunto de trabalhadores é predominantemente masculino. Isto ocorre pela acentuada frequência de afastamentos do trabalho por conta do abuso de substâncias psicoafetivas.

Entretanto, nas indústrias de confecções predomina a mão de obra feminina, reafirmando a organização do trabalho, as condições de trabalho e a insatisfação, como determinantes de agravos a saúde mental. Redução do número de funcionários, a pressão pelo cumprimento das metas de produção, a transferência de responsabilidades para as trabalhadoras (ARAÚJO e AMORIM, 2002) se somam para a ocorrência dos agravos à saúde mental. Como já destacado

no item da organização do trabalho, o pagamento por produtividade e competitividade também estão ligados a gênese dos agravos à saúde mental.

Algumas doenças do aparelho digestivo claramente se relacionam com intensos fenômenos estressores (ARAÚJO, VIEIRA e CARVALHO, 2010). Os autores indicaram a ocorrência de úlceras gastroduodenais em indivíduos submetidos ao ambiente estressor de unidades de terapia intensiva. É plausível que demandas organizacionais podem se associar a gênese de ulcerações no grupo de trabalhadoras das indústrias de confecções. O funcionamento de setores em células, agrega diversos estressores ocupacionais dos distintos tipos de equipamentos empregados. Como destaca Prado (2006, p.59) “as funcionárias realizam cada uma das fases do processo: costura reta (automática e eletrônica), pespontadeira, caseadeira, overloque, interloque, travete e galoneira. É possível que as dificuldades relativas adaptação nesta diversidade de instrumentos de trabalho figure como estressor e contribua para as ulcerações.

As neoplasias apresentadas por estas trabalhadoras poderiam ter seus dados elevados se tomado em consideração a grande informalidade do setor de confecções. Idefonso, Barbosa-Brando e Albuquerque-Oliveira (2009) caracterizam a asma ocupacional entre estas trabalhadores pela exposição ao material particulado disperso no ambiente. Assim, a exposição prolongada à poeiras oriundas dos tecidos pode ter potencial carcinogênico.

As doenças do aparelho circulatório foram associadas as condições ambientais e aos processos de gestão. O ruído e a temperatura ambiental elevada foram descritos como elementos geradores da hipertensão arterial (SANTO, PAULA e PEREIRA, 2009) e não se deve desconsiderar as pressões por produtividade como variável que contribui para estes adoecimentos. O contexto do toyotismo restrito ocasiona a “domiciliação do risco” onde não somente os trabalhadores, mas também suas famílias estão expostas aos mesmos riscos ocupacionais da atividade desenvolvida no ambiente de trabalho e familiar” (PIMENTEL, 2010, p.125).

A Insatisfação

A insatisfação com a temperatura ambiental e com as restritas pausas é relatada por estas trabalhadoras (SENA, FERNANDES e FARIA, 2008). Na pesquisa de Espírito Santo, et al. (2009) a temperatura foi associada a dores de cabeça. A iluminação deficiente e as limitações para abandonar o posto de trabalho também são fonte de insatisfação (GARCIA JUNIOR, 2006). A insatisfação com o ambiente de trabalho é responsável por mobilizar a agressividade, pois, os esforços dos trabalhadores para se adaptarem ao ambiente inadequado são vividos como imposições organizacionais. Considerando o intenso controle dirigido a estas trabalhadoras, a agressividade não pode ser expressa no ambiente fabril. Assim, pode ser expresso em relações no espaço de sociabilidade ou até mesmo reprimindo-as, ocasionando somatizações (DEJOURS, 1997). Como destaca Maciel, Fernandes e Medeiros (2006, p.100) “a insatisfação com o trabalho é um fator associado à presença de dores na região cervical e ombros pela tensão muscular gerada”.

A restrição ao reconhecimento no trabalho (MACIEL, FERNANDES e MEDEIROS, 2006) impede que os esforços no trabalho sejam articulados a algum sentido (DEJOURS, 2001). Assim o prejuízo ao reconhecimento esvazia o significado do trabalho e atinge a identidade do trabalhador. O esvaziamento do significado da atividade impede a satisfação narcísica do trabalhador e, sem que o reconhecimento surja da organização do trabalho também fica impossibilitado o reconhecimento no espaço de sociabilidade (DEJOURS, 1999).

Sem a satisfação narcísica e nem o reconhecimento social a identidade do trabalhador se desestabiliza. O risco a estabilidade identitária é ampliado com o valor reduzido oferecido por peças e a ameaça constante de demissão (ARAÚJO e AMORIM, 2002). A presença do trabalho domiciliar no contexto das indústrias de confecções elava a ameaça ao trabalho formal e exemplifica a “descontinuidade de inserção no mercado de trabalho” (NEVES e PEDROSA, 2007, p.25).

O trabalho domiciliar (PIMENTEL, 2010) é a marca da desfiliação profissional; onde a remuneração é o único elemento vincular entre a empresa e o trabalhador e demonstra que “a subjetividade é transformada em um objeto, em um ‘sujeito-objeto’, que funciona para a autoafirmação e a reprodução de uma força estranhada” (ANTUNES, 2006 p.160) originada na reprodução do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação das publicações que abordam o trabalho nas indústrias de confecção, deixam claro o modo como a atividade laboral determina prejuízos ao quadro geral de saúde. A recente disponibilização de informações pelo Ministério da Previdência Social sobre acidentes do trabalho e doenças, nos distintos grupos de atividades econômicas, delimita o padrão de morbidade desta população trabalhadora. A articulação destas informações deve orientar ações em vigilância sanitária, pois, é uma atividade econômica que mobiliza um grande número de trabalhadores e, predominantemente, ocasiona distúrbio osteomusculares. Esta modalidade de adoecimento é potencialmente muito limitante e pode ocasionar incapacidade laborativa.

A organização do trabalho está fortemente ligada ao adoecimento dos trabalhadores. A sobrecarga de trabalho poderia ser acompanhada de perto pela fiscalização do trabalho, pois, horas extras e incentivos salariais por produtividade podem ser identificados nos comprovantes salariais de trabalhadores. A rigidez dos controles no trabalho estão articulados aos agravos à saúde mental.

As condições de trabalho são fonte de preocupação intensa, em razão de riscos ambientais que são frequentemente presentes. As normas regulamentadoras do trabalho não são cumpridas em sua totalidade, conforme apresentam dados de diversas pesquisas qualitativas. Há necessidade de envolver a abordagem desta cadeia produtiva na atenção primária em saúde, particularmente pela domiciliação dos riscos, que se estendem ao ambiente doméstico.

A insatisfação é produzida pela articulação dos modos de gestão à diversidade de riscos do ambiente de trabalho. O produto desta relação é uma identidade profissional pouco coesão, que está em constante ameaça de fragmentação pelo desemprego ou precarização do trabalho. A impossibilidade de obter a reapropriação narcísica na ação produtiva e a ausência de reconhecimento de seus esforços pela organização do trabalho impõem o sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, G. Trabalho, corpo e subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global. *Trabalho, Educação e Saúde*, v.3, n.2, p.409-428, 2005a.

ALVES, G. *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo, 2005b.

AMBROSI, D.; QUEIROZ, M.F.F. Compreendendo o trabalho da costureira: um enfoque para a postura sentada. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v.29, n.109, p.11-19, 2004.

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas: Cortez, 2002.

ANTUNES, R. O caráter polissêmico e multifacetado do mundo do trabalho. *Revista Educação, Saúde e Trabalho*, v.1, n.2, p.53-61, 2003.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2006.

ARAÚJO, A.M.C.; AMORIM, E.R.A. Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas. *Cadernos Pagu*, n.17-18, p.267-310, 2002.

ARAÚJO, T.E.; VIEIRA, S.M.G.; CARVALHO, P.R. A. Profilaxia para úlcera de estresse em pacientes internados em UTI pediátrica. *Jornal de Pediatria*, v.86, n.6, p.525-530, 2010.

BARRETO, M. *A indústria do vestuário e a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras*. Coleção Cadernos de Saúde do Trabalhador. São Paulo: FUNDACENTRO, 2000.

BRASIL. Ministério da Previdência Social. *Segurança e saúde ocupacional: tabelas*. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/estatisticas/menu-de-apoio-estatisticas-seguranca-e-saude-ocupacional-tabelas/> Acesso em: 14 de Fevereiro de 2014

DAL ROSSO, S. *Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

DEJOURS, C. *Repressão e subversão em psicossomática: pesquisas psicanalíticas sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da Relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. São Paulo: Fundap/EAESP/FGV, 1999.

DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

DEJOURS C. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, v.14, n.3 p.27-34, 2004.

ESPÍRITO SANTO, A.F.; PAULA, J.A.; PEREIRA, O.A.V. Percepção de trabalhadores de uma indústria têxtil sobre os riscos de seu ambiente de trabalho. *Revista Enfermagem Integrada*, v.2, n.1, p.188-199, 2009.

FONSECA, T.M.G. *Gênero, subjetividade e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GARCIA JÚNIOR, A.C. *Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores da Indústria do vestuário de Colatina*. [Dissertação]. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

ILDEFONSO, S. de A.G; BARBOSA-BRANCO, A.; ALBUQUERQUE-OLIVEIRA, P.R. Prevalência de benefícios de seguridade social temporários devido à doença respiratória no Brasil. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, v.35, n.1, p.44-53, 2009.

LUCCA, S.R.; FÁVERO, M. Os acidentes do trabalho no Brasil – algumas implicações de ordem econômica, social e legal. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v.22, n.81, p.7-14, 1994.

MACIEL, Á.C.C.; FERNANDES, M.B.; MEDEIROS, L.S. Prevalência e fatores associados à sintomatologia dolorosa entre profissionais da indústria têxtil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v.9, n.1, p.94-102, 2006.

MATOS, J.O. Os sentidos do trabalho: a experiência de trabalhadoras de facções de costura da indústria de confecções no Ceará. [Dissertação]. Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza-CE, 2008. 130 f.

MORAES, M.A.A; ALEXANDRE, N.M.C.; GUIRARDELLO, E. de B. Sintomas músculo-esqueléticos e condições de trabalho de costureiras de um hospital universitário. *Revista Paulista de Enfermagem*, v.21, n.3, p.249-254, 2002.

NAVARRO, V.L. *Trabalho e trabalhadores do calçado. A indústria calçadista de Franca (SP): das origens artesanais à reestruturação produtiva*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

NEVES, M.A. PEDROSA, C.M. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. *Sociedade e Estado*, v.22, n.1, p.11-34, 2007.

PIMENTEL, L.C.T. *O trabalho e o processo de saúde-doença das costureiras por facção – região metropolitana de Goiânia*. [Dissertação]. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2010.

PRADO, R.R. *Avaliação da qualidade de vida na indústria do vestuário: o caso de costureiras portadoras de lombalgias*. [Dissertação]. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2006.

SANTO, A. de F.E.; PAULA, J. de A.; PEREIRA, O.A.V. Percepção de trabalhadores de uma indústria têxtil sobre os riscos de seu ambiente de trabalho. *Revista Enfermagem Integrada*, v.2, n.1, p.188-199, 2009.

SENA, R.B.; FERNANDES, M.G. FARIAS, A.P.S. Análise dos riscos ergonômicos em costureiras utilizando o software era (*ergonomic risk analysis*) em uma empresa do pólo de

confecções do Agreste de Pernambuco. In: XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. Rio de Janeiro, 13 a 16 de outubro de 2008.

TEIXEIRA, D.P.; PAIVA, M.T.; NUNES, M.C.R. *Identificação de fatores de risco para LER/DORT em uma indústria de confecção da cidade de Ubá/MG*. IV Workshop de Análise Ergonômica do Trabalho – UFV. I Encontro Mineiro De Estudos Em Ergonomia. Viçosa-MG, 2009.